

**EQUILIBRIO ESTRUTURAL  
DOS CONTOS DE MÁRIO DE ANDRADE:  
SEMELHANÇAS E OPOSIÇÕES**

Prof.<sup>a</sup> Elisabeth Lara

Corpus: Contos de Belazarte — Mário de Andrade  
Livraria Martins Editora S. A. — MEC — 1972

1. Algumas palavras sobre o autor.
2. Método.
3. Considerações sobre o título.
4. Organização dos contos no livro.
5. Semelhanças e oposições das ações entre os diversos contos.
6. Semelhanças e oposições das ações em um conto.
7. Conclusões.

“Para mim a melhor homenagem que se pode fazer a um artista é discutir-lhe as realizações, procurar penetrar nelas, e dizer-lhe francamente o que se pensa.”

Mário de Andrade

Cartas a Manuel Bandeira — p. 22

**1. Palavras sobre o autor.**

Escritor paulista dos mais participantes de sua época, atuou em várias frentes de cultura; preocupou-se com a educação infantil, com a divulgação artística, com a reforma da educação e com o ensino musical — era professor de piano. Literariamente cultivou vários gêneros — foi poeta, romancista, contista, ensaísta, crítico literário, crítico de arte, musicólogo e folclorista.

Lança-se na literatura em 1917 pela porta da poesia. Aliou a teoria à prática, escrevendo ensaios sobre a teoria poética modernista e obras poéticas e de ficção. Quando da edição de seu primeiro livro de contos, *Belazarte*, o escritor já se encontra em plena maturidade criativa, tornando-se um dos maiores criadores do gênero.

No conjunto, a obra literária de Mário de Andrade é de grande valor, tornando-se uma das figuras mais significativas de nossa literatura, alicerçado tanto pelo seu talento como por sua época através do modernismo, do qual foi considerado o papa pela sua atuação marcante.

**2. Método.**

O livro será analisado inicialmente como um todo, obedecendo a seguinte ordem:

1. Título
2. Disposição dos contos
3. Comparação entre os diversos contos evidenciando o equilíbrio existente através das semelhanças e oposições das ações.

Em continuação será feito o estudo de um conto: *Jaburu Malandro*.

No 3.º item, na comparação, o modelo a ser seguido é o modelo homológico apresentado por Tzvetan Todorov no seu artigo “As Categorias da Narrativa Literária” in *Análise Estrutural da Narrativa*, obra de diversos autores da Editora Vozes de 1971.

O modelo homológico, apresentado inicialmente por Lévi-Strauss, mas simplificado por Todorov, baseia-se na "projeção sintagmática de uma rede de relações paradigmática" (1), existentes na narrativa. Entre os elementos encontrados na leitura sintagmática e paradigmática evidencia-se uma dependência que é geralmente homológica, proporcional. A leitura dos elementos será feita primeiramente em sentido vertical — aspecto paradigmática — da narrativa e após em sentido horizontal — aspecto sintagmático — procurando um ponto de união, um denominador comum.

Ao lado deste denominador comum, pontos de semelhança, será também evidenciado o aspecto diversificado, as oposições. Essas oposições são importantes, porque a narrativa, como a linguagem, funciona através das diferenças.

O estudo feito no conjunto, evidenciando semelhanças e oposições, será feito em um conto, partindo das personagens e suas relações, com a finalidade de se mostrar na unidade o que se mostrou no todo, isto é, a afirmação de Todorov: "na narrativa a sucessão de ações não é arbitrária, mas obedece a certa lógica" (2), considerando que as personagens existem enquanto estiverem agindo.

Quanto às personagens, suas relações serão vistas através das regras de derivação de Todorov: regra de oposição e regra do passivo. A regra de oposição supõe um predicado oposto e a regra do passivo "corresponde à passagem da voz ativa à voz passiva". (3) O ponto inicial das regras de oposição e regra do passivo são regras de derivação que por sua vez se apóiam nos predicados de base que resumem as relações que unem as personagens.

O conto escolhido para fazer esta demonstração é "Jaburu Malandro", escrito em 1924.

Após se evidenciarem todos estes aspectos, chegar-se-á às conclusões pertinentes.

### 3. Considerações sobre o título.

O título escolhido por Mário de Andrade — Os Contos de Belazarte — dá margem a uma série de considerações:

1. Belazarte é o elemento catalizador que enfeixa todos os contos, pois é o narrador de todos eles. O início de cada conto é sempre igual:

"Belazarte me contou:"

#### 2. Belazarte / Malasartes

Pedro Malasartes, figura tradicional nos contos populares, aparece como exemplo de astucioso, invencível, inesgotável de expedientes, saindo-se vitoriosamente, sendo um herói sem caráter. (4) Belazarte em oposição a Malasartes aparece primeiro em relação ao prefixo; além disso, ao contrário dos contos de Malasartes, o herói de Mário de Andrade termina derrotado em virtude da infelicidade final.

Considero pertinente esta observação porque Mário de Andrade, folclorista que era, certamente não desconhecia a existência da divertida figura popular que é Pedro Malasartes.

### 3. Belazarte -- Belas Letras

Como nos contos, também no título há oposição e semelhança. Como há a expressão belas letras, o autor por analogia denominou o narrador e o seu livro de Contos de Belazarte.

### 4. Organização dos contos no livro.

Pela nota da 2a. edição, que consta na edição em estudo, percebe-se que o autor tinha preocupação em colocar estes e não outros contos, substituindo o "Caso em que entra bugre" por "O Besouro e a Rosa". "Fica salvo desse jeito o espírito do livro, que agora, com as correções feitas no texto, o Autor acredita estar em sua integridade livre e definitiva."

Os contos deste livro foram escritos entre 1923 a 1926 e com exceção do último, "Nízia Figueira, sua criada", os demais estão colocados em ordem cronológica.

I — 1923

II - III — 1924

IV — 1925

V - IV — 1926

VII — 1925

Os anos 1923, 24, 25, 26 estão situados na primeira década do modernismo, possuindo uma orientação revolucionária. Este aspecto reformador nos Contos de Belazarte evidencia-se, mesmo numa leitura superficial, no que se refere à linguagem, calcada em língua cotidiana e pela ausência de artificios, resultando numa linguagem fluida, natural.

Resta ver se a estrutura também apresenta este aspecto reformador.

### 5. Semelhanças e oposições das ações entre os diversos contos.

Conforme foi dito no método, o primeiro passo a ser dado para destacar o modelo homológico é colocar as proposições de cada conto que resumem o fio da intriga de forma a possibilitar uma leitura paradigmática e sintagmática.

**Conto 1: O Besouro e a Rosa**

**Conto 2: Jaburu Malandro**

**Conto 3 Caim, Caim, e o resto**

**Conto 4 Menino de olho no fundo**

**Conto 5 Túmulo, túmulo, túmulo**

**Conto 6: Piá não sofre? Sofre**

**Conto 7: Nízia Figueira, sua criada**

## Relações sintagmáticas e paradigmáticas.

	A	B	C	D	E	F
1	Rosa moça ingênua	Pedido de casamento	Recusa	Transfor- mação moral	Outro pedido Aceitação	Infelici- dade
2	Carmela moça ingênua	Namoro com João	Chegada do circo	Transfor- mação moral	Ilusão	Infelici- dade
3	Amizade entre irmãos	Amor por Terezinha	Brigas	Transfor- mação moral	Assassi- nato duplo	Infelici- dade
4	Tranqui- lidade	Provoca- ções	Recusa	Transfor- mação moral	Nova pro- vocação Nova recusa	Infelici- dade
5	Tranquili- dade caseira	Casamen- to	Afasta- mento	Transfor- mação física	Mortes	Infelici- dade
6	Tristeza costumei- ra	Namoro	Desenten- dimento	Transfor- mação moral e física	Doença	Infelici- dade
7	Inocên- cia	Pedido de casamento	Aceitação	Transfor- mação moral	Vício	Infelici- dade

### Lógica das Ações.

Denominador comum de cada coluna:

leitura paradigmática.

Coluna A: todas as proposições da coluna A se referem a uma atitude inicial de tranqüilidade, apenas as causas deste estado de tranqüilidade é que são diversas — por inocência, por ingenuidade, por costume, isto é, por comodismo.

Coluna B: Nesta coluna percebe-se o desejo de felicidade que as personagens possuem.

Coluna C: Esta felicidade não é conseguida, aparecendo um obstáculo.

Coluna D: Por causa deste obstáculo as personagens sofrem uma transformação, quer moral, quer física, quer ambas simultaneamente.

Coluna E: Ocorre nesta coluna uma nova tentativa de alcançar o objetivo final: a felicidade.

Coluna F: Frustrados no seu intento, a(s) personagem (ns) resultam infelizes.

Esquemmatizando:

Coluna A: tranqüilidade

Coluna B: desejo de felicidade

Coluna C: obstáculo

Coluna D: transformação

Coluna E: nova tentativa

Coluna F: infelicidade

Tranqüilidade : desejo de felicidade : obstáculo : transformação : nova tentativa : infelicidade.

A : B : C : D : E : F

Deste modo ficam demonstrados os denominadores comuns de todos os contos, formando um conjunto homológico.

As relações sintagmáticas são as sucessões de acontecimentos de cada conto. Nestas relações ocorre a oposição felicidade / infelicidade. Em todos os contos há um desejo de felicidade que resulta em infelicidade.

Esta oposição ocorre em relação a cada conta e em relação ao sistema de época em que está colocado este livro de contos de Mário de Andrade — modernismo — que por si só possui um espírito renovador, com o romantismo no que tange ao final.

Romantismo: final feliz

Modernismo: final infeliz

Modernismo / Romantismo

Considerações sobre a infelicidade nos contos.

Nos contos Rosa e o Besouro, Jaburu Malandro, Caim, Caim e o resto o autor termina afirmando:

Rosa e o Besouro:

“Rosa foi muito infeliz”.

Jaburu Malandro:

“Só sei que Carmela foi muito infeliz.”

Caim, Caim e o resto:

“Terezinha era muito infeliz.”

Através desta forma de expressão o contista evidencia a infelicidade quer duradoura como nos dois primeiros, quer passageira como no terceiro conforme atesta o uso do tempo verbal.

No conto 4 — Menina de olhos no fundo; no conto 5 — Túmulo, túmulo, túmulo; no conto 6 — Piá não sofre? Sofre; e no conto 7 — Nízia Figueira, sua criada, o contista não atira a infelicidade de modo tão evidente, tenta disfarçá-la apesar da infelicidade continuar presente.

No conto 4, a infelicidade durou apenas três meses; no conto 5, a personagem perde seu empregado a quem se afeiçoara, mas sua morte (do empregado) foi tão suave que lhe pareceu uma morte familiar não provocando uma dor muito profunda, mesmo sentindo-a. No conto 6, o piá conforma-se com o abandono da mãe e aceita a infelicidade com resignação. No último conto, Nízia afoga sua infelicidade no vício da bebida, vivendo numa aparente felicidade.

Com todas estas considerações, conclui-se que, mesmo a infelicidade sendo apresentada em diversas gradações, ela está presente.

#### 6. Semelhanças e oposições em um conto:

##### Jaburu Malandro

Estas semelhanças e oposições serão mostradas a partir do relacionamento entre personagens.

Inicialmente, nas relações de base destacam-se os seguintes predicados de base:

desejo            obstáculo            infelicidade

Havia um DESEJO de felicidade por parte de João e Carmela. Opõe-se um OBSTÁCULO à realização deste desejo que é a vinda do circo, porque Carmela apaixonou-se pelo Almeidinha, artista do circo. Quando Carmela comunica sua intenção de casar-se com ele, Almeidinha foge, resultando a INFELICIDADE de Carmela.

Nas regras de oposição, cada predicado de base possui um predicado oposto.

O desejo de felicidade de João e Carmela se opõe ao obstáculo surgido com a chegada do circo. O desejo de felicidade de Carmela se opõe ao obstáculo que foi a fuga de Almeidinha.

Em resumo, a felicidade pretendida resulta em infelicidade.

felicidade / infelicidade

Nas regras de passivo encontram-se as seguintes relações:

1. João ama Carmela que pensa amá-lo.
2. João ama Carmela e na realidade não é amado por Carmela.
3. Carmela ama Almeidinha que parece amá-la.
4. Carmela ama Almeidinha e na realidade não é amada por Almeidinha.
  - a. João — Carmela
  - b. Carmela / João
  - a1 Carmela — Almeidinha
- b1 Almeidinha / Carmela
  - a, a1: relação sentimental entre as personagens.
  - b, b1: relação de oposição por parte de uma personagem.
  - a / b
  - a1 / b1

a = a1  
b = b1

A relação de sentimentos entre as personagens obedece às leis, às relações de aparência e de realidade. Há, portanto, dois níveis de relações, o de ser e o de parecer. De qualquer forma, também no relacionamento das personagens existe equilíbrio, conseguido através das semelhanças e das oposições.

#### 7. Conclusões.

O livro de contos em estudo apresenta-se como uma estrutura, sendo o próprio livro o arquitemema, os contos, o semema, cada conto, o sema. (5)

De acordo com o que ficou demonstrado nos itens 5 e 6, tanto o conjunto de contos como um conto tomado como modelo apresentam equilíbrio estrutural, alternando para isso semelhanças e oposições.

No presente estudo, também foi possível comprovar que os contos de Mário de Andrade são contos modernos, opondo-se ao conto tradicional. O autor escreveu estes contos entre 1923 e 1926, no auge, portanto, da década inicial do modernismo. Por isso apresenta como uma tomada nova, uma estrutura diferente de conto.

No conto tradicional existe o anti-clímax e o clímax, tendo aí o seu final; é uma subida com pronunciada ascendência, finalizando de modo surpreendente. Nos contos de Mário de Andrade, não ocorre este clímax inesperado. O que acontece é como uma decorrência normal, um acontecimento é a causa do seguinte, obedece, portanto a uma ordem causal, lógica, com uma linha ascendente muito discreta e uma queda no final, contrariando o modo usado antes do modernismo de estruturar o término do conto.

Mário de Andrade, por conseguinte, é modernista não só como poeta, mas como contista. Seus livros de teoria sobre o modernismo foram exemplificados na prática. Foi um modernista em toda a acepção da palavra.

#### NOTAS

- (1) Cf. Tvetan Todorov. *Análise Estrutural da Narrativa*, Petrópolis, Vozes, 1971, p. 220
- (2) Idem, *ibidem*, p. 221
- (3) Idem, *ibidem*, p. 226
- (4) O subtítulo de *Macunaima*, do mesmo autor é *Herói sem nenhum caráter*, tendo possivelmente uma relação com Pedro Malasartes que é descrito no *Dicionário de Folclore de Câmara Cascudo* com a mesma expressão.
- (5) Cf. sugestão do Prof. Gilberto M. Teles no Curso *Teoria do Conto* - PUC-RS Jan. 1974

#### BIBLIOGRAFIA

- LUFT, Celso Pedro. *Dicionário de Literatura Portuguesa e Brasileira*, Porto Alegre, Editora Globo, 1967.
- CASCUDO, Luís da Câmara. *Dicionário do Folclore Brasileiro*, Rio de Janeiro, Instituto Nacional do Livro, Ministério da Educação e Cultura, 1972.
- MOISÉS, Massaud. *A Criação Literária*, São Paulo, Edições Melhoramentos, 1965.
- ANDRADE, Mário de. *Os Contos de Belazarte Martins* — MEC, 1972.
- TODOROV, Tzvetan. *Análise Estrutural da Narrativa*, Petrópolis, Vozes, 1971.